

ENTREVISTA / FELIPE PRAZERES, MAESTRO

'A música de concerto precisa acompanhar os novos tempos'

Daniel Ebendiger/Divulgação

Filho do maestro Armando Prazeres, fundador da Orquestra Petrobras Sinfônica, e da cantora Manuela Prazeres, Felipe cresceu rodeado de música. Aos 11 anos, escolheu o violino. Aos 17, já trabalhava profissionalmente. Aos 20, tornou-se spalla da orquestra criada pelo pai. E há 15 anos iniciou seu caminho na regência, que hoje compartilha com o irmão, o também maestro Carlos Prazeres.

Também maestro titular da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal e fundador da Johann Sebastian Rio, que sairá em turnê no exterior, ele destaca, na entrevista abaixo, a diferença entre os três projetos e fala do desafio de levar a música de concerto a novos públicos.

Você cresceu em uma casa profundamente musical. Como isso moldou sua identidade artística?

Felipe Prazeres - Minha infância e juventude foram marcadas pela música de concerto. Essa memória e os sentimentos que a música proporciona desde cedo fizeram — e fazem — diferença na minha vida até hoje, seja na execução de determinado repertório, seja na minha comunicação com o público, na fruição desse gênero musical que não é amplamente divulgado para a população.

O que te levou a escolher o violino e, posteriormente, a regência?

Foram escolhas naturais. Primeiro o violino, porque desde sempre me encantou, pelo vasto repertório e por ser uma voz na orquestra sinfônica que, na maioria das vezes, detém as principais melodias do grande repertório. Na minha trajetória no violino, pude exercer o cargo de spalla, ou seja, o "primeiro violino" de uma orquestra sinfônica, que carrega consigo várias funções — dentre elas, decodificar os gestos do maestro. A

escolha da regência é uma extensão desse mundo sem limites da arte da interpretação do repertório orquestral. Sem contar também que meu pai era maestro e meu irmão mais velho, Carlos Prazeres, é maestro de duas orquestras no Brasil. Então está no sangue mesmo.

Hoje você atua como maestro titular da OSTM, maestro associado da OPES e regente/diretor artístico da Johann Sebastian Rio. Como conciliar esses três papéis tão distintos? E que diferenças artísticas você percebe entre essas três frentes?

De fato são três vertentes bem distintas dentro desse universo. O Theatro Municipal me proporciona confrontar o gênero mais completo de todos, que é a ópera, onde não somente questões musicais são relevantes, mas toda a riqueza da dramaturgia atrelada ao título que será feito. Reger ópera é sempre desafiador, pois o maestro é o elo entre a orquestra (que toca no fosso) e a cena que transcorre no palco. É um trabalho que exige muita dedicação e concentração. Na Petrobras Sinfônica, orquestra que me fez ser



O maestro Felipe durante ensaio da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal

músico, o desafio maior é abordar o grande repertório da música de concerto. Ali a orquestra é a protagonista e, ao mesmo tempo, há a abordagem com a grande variedade timbrística que uma sinfônica pode proporcionar. O fato de eu pertencer a esse grupo há 31 anos me faz ter uma relação de muita cumplicidade musical com meus colegas. Já a Johann Sebastian Rio traz um momento diferente na minha vida, pois se trata

de um grupo menor, que aborda um repertório mais camerístico, onde a comunicação entre nós se torna mais estreita. Na Johann eu atuo como violinista na maioria das vezes, então é o lugar em que continuo a exercer o papel de músico, além de diretor artístico.

Você é um maestro conhecido pelo gosto da inovação e leva isso para seus trabalhos. Mas em qual contexto você sente mais

liberdade para experimentar novos repertórios ou formatos?

Penso que a música de concerto — e a própria orquestra — precisa acompanhar os novos tempos. Inovar nesse terreno é muito interessante, pois me permite essa abordagem mais eclética, misturando repertórios populares e tendo o olhar de que uma orquestra é um grande instrumento musical e, no meu ver, aberto a qualquer repertório, independente do gênero.